

Reflexões sobre a verdade a partir do prefácio de *Origem do Drama Barroco Alemão* de Walter Benjamin

Thoughts about the truth from the preface of The Origin of German Tragic Drama by Walter Benjamin

Reflexiones sobre la verdad del prefacio del El Origen del Drama Barroco Alemán del Walter Benjamin

Janinne Barcelos de Moraes Silva¹
Suely Henrique de Aquino Gomes²


Resumo

Discute o método científico e sua relação com a totalidade absoluta, a partir das “Questões Introdutórias de Crítica do Conhecimento”, levantadas no prefácio da obra “Origem do Drama Barroco Alemão”, de Walter Benjamin. Pensador da modernidade, o filósofo alemão apresenta importantes ponderações sobre a necessidade de resgatar a contemplação das ideias, como forma legítima de aproximar o homem da essência do Ser. Através de análise de seu conteúdo, sem a pretensão de esgotar o assunto, apresentamos o conceito de “Verdade” defendido por Benjamin, em contraponto com a postura metódica, mensurável e determinista da ciência, a fim de estimular reflexões que aclarem sobre os problemas e limitações do método.

Palavras-chave: Ciência. Conceito. Fenômeno. Verdade. Benjamin.

Abstract

This paper discusses the scientific method and its relation with the Truth, based on the "Introductory Questions of Knowledge Criticism", raised on the preface of the book "The Origin of German Tragic Drama" by Walter Benjamin. Thinker of modernity, the German philosopher presents important considerations about the need to rescue the contemplation of ideas, as a legit way to approach man and Essence. Through analysis of its contents, without, however, any claim to completeness, we present the concept of Truth by Benjamin, in contrast with the methodical, measurable and deterministic approach of science, in order to stimulate reflections that illuminates the problems and limitations of the method.

| Acesse este artigo online | |
|--|--|
| QR CODE:  | Website: http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci |
| | DOI: http://dx.doi.org/10.5216/ci.v19i2.38026 |

Keywords: Science. Concept. Phenomenon. Truth. Benjamin.

¹ Mestre em Comunicação, Cultura e Cidadania, pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Brasil, Tocantins. E-mail: janbarcelos@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Informação, pela Universidade de Brasília. Mestre em Automação de Biblioteca, pela University College London e graduada em Biblioteconomia pela, Universidade de Brasília. Brasil, Goiás, Goiânia. E-mail: suelyhenriquegomes@gmail.com

Resumen

En este trabajo se analiza el método científico y su relación con la verdad, con base en las "Preguntas introductorias de la crítica del conocimiento", planteadas en el prefacio del libro "El Origen del drama barroco alemán" de Walter Benjamin. Pensador de la modernidad, el filósofo alemán presenta consideraciones importantes acerca de la necesidad de rescatar la contemplación de las ideas, como una forma legítima de acercarse el hombre y la Esencia. A través del análisis de sus contenidos, sin embargo, ninguna pretensión de exhaustividad, se presenta el concepto de la Verdad por Benjamin, en contraste con el enfoque metódico, medibles y determinista de la ciencia, con el fin de estimular reflexiones que ilumina los problemas y limitaciones de la método.

Palabras clave: Ciencia. Concepto. Fenómeno. Verdad. Benjamin.

1 INTRODUÇÃO

Posicionando-se contra a orientação positivista que visa alcançar nas Ciências humanas a mesma neutralidade encontrada nas Ciências naturais, o filósofo alemão, Walter Benjamin, apresenta, em “Origem do drama barroco alemão”³, discussões relevantes sobre a investigação metodológica formalista e os perigos de uma construção do conhecimento fundamentada exclusivamente nas regras e leis convencionais da *ciência burguesa*.

No prefácio, “Questões Introdutórias de Crítica do Conhecimento”, as teorias – que foram rejeitadas por dois departamentos da Universidade de Frankfurt – defendem uma filosofia que não se estruture com a rigidez inócua de um sistema; situam a importância dos conceitos, da representação filosófica das ideias, da salvação dos fenômenos; e apontam para a necessidade de resgatar a contemplação das ideias como forma legítima de aproximar o homem da essência.

Texto denso, o longo prefácio entrelaça a Gnoseologia, a História, a Ética, a Política e a Estética em uma teia de conteúdo conciso que critica, de maneira mordaz, a estrutura metódica e rígida da tradição acadêmica. Para Benjamin (1984), o pensamento sistemático e também o método científico, nos afastam da Verdade, pois está em sua natureza presumir que para encontrá-la temos, antes de tudo, que dividi-la. Embora repleto de metáforas e alegorias aparentemente desconexas e

3 A obra utilizada neste estudo é uma Tradução de Sérgio Paulo Rouanet para “*Ursprung des deutschen Trauerspiels*”, publicada pela editora Brasiliense. Rouanet (1984) interpretou *Trauerspiels* como “drama barroco”. Mas, em uma edição mais recente, traduzida pelo germanista português João Barrento, a expressão “drama barroco” foi substituída por “drama trágico” porque que “Benjamin faz uma distinção entre o drama trágico, típico do período barroco, e a tragédia, tanto a grega antiga quanto a moderna francesa. O ponto principal dessa distinção é quanto ao modo como as obras se posicionam em relação à História e à morte, e também em relação ao tipo de protagonista. Enquanto a tragédia tem heróis afirmativos, o drama trágico tem figuras do desespero e da tristeza. Daí vem um dos grandes temas do livro, a melancolia gerada por essa posição de luto em face do mundo, que para ele é a condição da própria natureza. Benjamin escreve que se a natureza pudesse falar, ela se lamentaria” (Cf. BARRENTO, 2011).

não sistêmicas, o texto escrito nos anos 20 apresenta-se atual, frente aos problemas da ciência produtivista e pouco criativa.

Por essa razão, intenta-se discutir o método científico e sua relação com a Verdade, a partir das “Questões Introdutórias de Crítica do Conhecimento” apontadas por Benjamin (1984), assim como, provocar reflexões sobre o problema da verdade e os limites da ciência. Vejam o impasse. Todo o processo de a análise desses conceitos e a construção da argumentação deste artigo está fadada a seguir a estrutura fixa que o próprio Benjamin (1984) criticou.

2 A HERANÇA POSITIVISTA

Século XVIII, época em que o conhecimento ainda era fundamentado numa explicação religiosa, de resquícios da época medieval, de transição entre sistemas sociais e da consolidação da ciência e do pensamento moderno. Testemunha desse período, o pensador francês, Auguste Comte, acreditava que o positivismo repararia a desordem causada pela Revolução Francesa e instalaria uma nova ordem social. Abrindo mão da metafísica e das questões filosóficas que nortearam séculos de discussão, como a origem e destino das coisas, bem como a sua essência, etc., Comte (1979) propôs uma investigação que buscasse, através da observação, as leis que explicam as relações entre os fenômenos. Dessa forma, assumindo uma atitude genuinamente científica - livre de preocupar-se com a explicação da natureza dos seres, da sua essência - o espírito positivo encontraria, no observável, o momento em que o pensamento alcançasse sua mais alta perfeição.

Igualmente influenciados por pensamentos iluministas, outros pensadores⁴ basearam suas teorias na experimentação, pragmatismo e empirismo. Como resultado da reação ao Idealismo alemão e ao Romantismo, eles desenvolveram a sistemática da ciência tendo como alicerce a pura verificação da realidade. Sob essa lógica, o investigador, em sua busca por formulações consistentes e fundamentadas, deveria limitar-se a constatar somente a ordem que reina no mundo e não as suas causas; e com o mesmo rigor empregado na investigação das ciências duras (matemática, astronomia, física, química, biologia) deveria estudar as relações sociais a partir de dados obtidos pela experiência sensorial.

Dessa forma, submetendo os fenômenos e o social às leis naturais invariáveis, o espírito positivo levantou a bandeira da neutralidade e adotou aqueles que utilizavam o método científico⁵

⁴ John Stuart Mill e Hebert Spencer, na Inglaterra; Ernst Heckel, na Alemanha; Roberto Argidò, na Itália.

⁵ "Em lugar de um grande número de preceitos dos quais a lógica é composta, acrediteis que já me seriam bastante quatro, contanto que tomasse a firme e constante resolução de não deixar uma vez só de observá-los. O primeiro consistia em nunca aceitar, por verdadeira, coisa nenhuma que não conhecesse como evidente; isto é, devia evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção; e nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão claramente e tão distintamente ao

(observação calibrada, dedução, experiência, conclusão, repetir *ad eternum*) como os grandes reveladores da verdade. Mas, ao perfilhar essa postura metódica, mensurável e determinista como ficariam os processos de subjetivação? Ignoraríamos o fato de que o homem é dotado de personalidade única que se manifesta e interage direta e livremente no meio social? Diante da complexidade inerente ao estudo dos fenômenos sociais, pesquisadores sem respostas lançaram-se mais uma vez na busca pela verdade perdida.

No intuito de finalmente capturá-la, a observação foi aliada à conjecturas, palpites e suposições sobre o mundo. E graças à reflexão de filósofos da ciência como Popper, Polanyi, Lakatos e Thomas Kuhn, entre outros nomes, sabemos hoje que “as teorias científicas não resultam da observação; são de modo geral produtos da nossa capacidade de formular mitos, e de testes” (POPPER, 1972, p.154). Dessa forma, atualmente, observação e teoria formam juntas a nova realidade da ciência: os paradigmas⁶.

Filhos da mãe positivista, os paradigmas, também acreditam ter a capacidade de um dia alcançar a verdade. Desta vez, procurando-a em meio a postulados científicos, regras e sistemas. Nessa difícil tarefa, os herdeiros da técnica, partem por uma “reflexão” que passeia nos limites do método. E privadas de perderem-se nas infinitas estradas do pensamento, as Ciências humanas - mais uma vez - imitam as ciências naturais, que sem sequer saber onde está a verdade, continuam a tentar apanhá-la. Mas isso seria possível?

3 INTENÇÃO: O PROBLEMA DA VERDADE

“A porta da verdade estava aberta, mas só deixava passar meia pessoa de cada vez. Assim não era possível atingir toda a verdade, porque a meia pessoa que entrava só trazia o perfil de meia verdade. E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil... Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. Nenhuma das duas era totalmente bela. E carecia optar.

Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.”
 – Carlos Drummond de Andrade

meu espírito que não tivesse nenhuma ocasião de o pôr em dúvida. O segundo – dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas pudessem ser e fossem exigidas para melhor compreendê-las. O terceiro – conduzir por ordem os meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e fáceis de serem conhecidos, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo certa ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. E o último – fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais, que ficasse certo de nada omitir” (DESCARTES, 1970).

⁶ Paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência (KUHN, 2006).

Para o filósofo alemão Walter Benjamin, a verdade escapa a qualquer tentativa de apropriação. Por isso, já no prefácio de *Origem do drama barroco alemão*⁷, faz referência ao pensamento de Platão que se revela “sempre de novo, uma das mais profundas intuições da filosofia original.” Na doutrina platônica das ideias, o verdadeiro conhecimento existe apenas no mundo inteligível, fora do tempo e do espaço, fora do mundo sensível. Inspirado por essa teoria, Benjamin acredita que as ideias⁸ são preexistentes e se oferecem unicamente a contemplação.

A distinção entre a verdade e a coerência do saber define a ideia como Ser. É este o alcance da doutrina das ideias para o conceito de verdade. Como Ser, a verdade e a ideia assumem o supremo significado metafísico que lhes é atribuído expressamente pelo sistema de Platão (BENJAMIN, 1984, p.52).

Segundo o pensador alemão, “o objeto do saber não coincide com a verdade”⁹. Mas sim, com imitações imperfeitas apropriadas por nossa consciência. Ser indefinível, a verdade não aceita ser questionada. Ela escapa às perguntas que sempre carregam um pouco do indivíduo em si mesmas e não aceita se contaminar pela subjetividade, pelo caráter intencional de quem indaga. “A essência das ideias não pode ser pensada como objeto de nenhum tipo de intuição, nem mesmo da intelectual.”¹⁰ E, sem poder ser a questão, a verdade também se encontra além de qualquer resposta. O simples ato comunicativo, com suas indagações e proposições, é revestido de intencionalidade. Ainda que consideremos uma comunicação que vise unicamente a transmissão de informação, não podemos ignorar que os interlocutores relacionam-se com a persuasão, buscando convencer o outro sobre o que acredita ser a verdade¹¹. Mas “convencer é infrutífero”¹², pois se a verdade não pode sequer ser apropriada por nossa consciência, como poderia ser compartilhada?

Contrariamente, o conhecimento pode ser questionado. E somente ele pode ser possuído. Enquanto a verdade resiste, opondo-se a qualquer natureza deliberada, é natural do saber ser apreendido pelo homem. “A especificidade do objeto do saber é que se trata de um objeto que precisa ser apropriado na consciência, ainda que seja uma consciência transcendental. Seu caráter de posse

⁷ No alemão, a obra escrita entre 1924 e 1925 e publicada na Alemanha em 1928, tem o título de “*Trauerspiels*”.

⁸ Ao contrário de Platão, Benjamin admite a atualização das ideias; para ele, as ideias não são os sóis permanentes do mundo platônico. Sem o mundo sensível, elas são tão escuras, quanto o fenômeno sem substância.

⁹ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.52.

¹⁰ Ibidem, p.58.

¹¹ Em uma referência a Aristóteles, Berlo (1989) diz: “a meta principal da comunicação é a persuasão, a tentativa de levar outras pessoas a adotarem o ponto de vista de quem fala” (BERLO, 1989, p.18).

¹² BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única*. Trad. br. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 14.

lhe é imanente.” O saber é objeto. É passível de apropriação pela mente do indivíduo. Saber algo é possuir conhecimento.

Em “Questões introdutórias de crítica do conhecimento” o saber é definido como sendo intrinsecamente constituído por elementos intencionais, impregnado pelo “querer” do homem. O saber está relacionado (direta ou indiretamente) ao intuito, ao objetivo a ser alcançado através daquele conhecimento. Por esse motivo, o saber não pode dizer a verdade. Ele é fruto de uma particularidade. É o conhecimento de cada homem versado em sua individualidade. Não há saber universal. Como na analogia de Drummond de Andrade, o homem alcança apenas uma parte da verdade, um vislumbre da ideia, que é apropriado pelo saber “conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia”. Dessa forma, como uma proposta de neutralidade do conhecimento (qualquer que seja) far-se-ia suficiente para alcançar a objetividade das ideias? Questões como essa fazem refletir sobre a ideia de hagiografia científica.

Ao criticar a sistemática adotada pelas academias, Benjamin considera que o saber empírico objetiva conhecer somente o particular. E discute a capacidade do método de vislumbrar a relação entre o particular e o todo, uma vez que o objeto de estudo é isolado pelo investigador. “A unidade do saber, se é que ela existe, consiste apenas numa coerência mediata, produzida pelos conhecimentos parciais e de certa forma por seu equilíbrio.”¹³ Para ilustrar essa reflexão, ele recorre a uma de suas inúmeras metáforas¹⁴ como inspiração: “As ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas.”

Conhecidas como conjuntos de estrelas intencionalmente definidos, esses sinais luminosos na esfera celeste intrigam o homem desde os tempos mais antigos. Vistas a olho nu, ou com a ajuda de lentes, as constelações inspiraram a elaboração de histórias e mitos que intentam decifrar os enigmas do universo. Assim, observando detalhadamente o espaço e relacionando tempo e movimentos cósmicos, o homem lançou mão das estrelas para escolher a melhor época dos plantios e das colheitas, para orientar as viagens de expansão (tanto terrestres quanto marítimas), e até mesmo para a criação do calendário.

Diante dos grupos de estrelas mais brilhosos, a imaginação do homem chegou desenhar figuras. E a partir delas, desenvolveu narrativas de acordo com as épocas e os lugares de cada povo.

¹³ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.52.

¹⁴ “o que a tentativa de Benjamin tem de temerário é que não consiste em usar a imagem para dissolver o pensamento na imediatez do pré-conceitual [...], mas em pensar por imagens, como o alegorista, chegando ao mais abstrato através do mais concreto. [...] Assim, através das imagens, Benjamin não pretende substituir o pensamento relacional, mas abrir ao pensamento a possibilidade de entrar em novas relações” (ROUANET, 1984, p.14).

A constelação conhecida como Ursa Maior, por exemplo, era a carroça de Alexandre para os gregos; o arado para os egípcios; os sete sábios para os indianos; e o *big dipper*, para o mundo contemporâneo. Isto é, em busca da verdade, cada um estabeleceu - de forma particular e independente - uma relação com a totalidade. Assim são as coisas e sua relação com as ideias: os objetos do mundo organizam suas estruturas, segundo as ideias, mas não são capazes de revelá-las em sua plenitude. Até porque,

[...] devido às enormes distâncias que separam o sistema solar das estrelas – calcula-se em milhões de anos o tempo em que a luz demora para chegar à terra – o que se estaria observando em cada momento do presente são momentos do passado desses objetos celestes. Haveria, então, não só um distanciamento espacial entre o observador e esses pontos brilhantes no espaço, mas também, de acordo com a velocidade da luz, uma diferença temporal, tanto que algumas estrelas que podemos observar hoje, na verdade, já não existem mais (OTTE; VOLPE, 2000).

Seguindo essa linha, Walter Benjamin considera erro recorrente o fato de a historiografia apresentar-se como grande apropriadora da verdade. “A pergunta ‘como de fato aconteceu?’ não só não é cientificamente respondível, como não pode sequer ser colocada”¹⁵. Ao ver as estrelas fulgurarem, cada um compõem sua constelação, seu vislumbre do céu. Seduzidos por aquelas que brilham mais, e sem poder abrir mão das nossas particularidades, compomos a figura. Da mesma forma, a própria escolha do fato a ser estudado brota da empatia do historiador por seu objeto. “Essa fatídica sugestibilidade psicológica, pela qual o historiador [...] procura colocar-se no lugar do criador, como se este, por ter criado a obra fosse também o seu melhor intérprete [...] mascara a simples curiosidade com o disfarce do método”¹⁶. Além do mais, é o presente quem escolhe o passado que lhe interessa. Por essa razão, um evento histórico tem de ser visto a partir da perspectiva do agora, do ponto de vista de quem olha. Se um acontecimento do passado faz-se atraente (se brilha mais) para nós, é por que, antes de tudo, o fato faz sentido também no agora. Como indivíduos intencionados que somos, vislumbramos o que passou refletindo a carga simbólica da época em que vivemos.

Recorrendo a outra analogia, a do mosaico, Benjamin demonstra que assim como cada fragmento compõe e apresenta a totalidade, o pensamento também estabelece individual e intermitentemente sua relação com o todo absoluto. De forma que,

[...] o valor desses fragmentos de pensamento é tanto maior quanto menor sua relação imediata com a concepção básica que lhes corresponde, e o brilho da representação depende desse valor da mesma forma que o brilho do mosaico depende da qualidade do esmalte. A relação entre o trabalho microscópico e a grandeza do todo plástico e

¹⁵ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.64.

¹⁶ *Ibidem*, p.76.

intelectual demonstra que o conteúdo de verdade só pode ser captado pela mais exata das imersões nos pormenores do conteúdo material (BENJAMIN, 1984, p.51).

Ao defender o exercício da contemplação (paciente e demorada) como o único caminho para a composição do grande mosaico da verdade, ele deixa clara a possibilidade de questionarmos os pormenores do objeto (do qual pode-se vislumbrar o todo). E, ao mesmo tempo, permiti-nos reconhecer os limites do pensamento diante da impossibilidade de indagarmos diretamente pela verdade. A pergunta pela verdade é a pergunta pela totalidade absoluta. Cujas respostas, não foram alcançadas até os dias de hoje, nem pela história, nem pela filosofia e tão pouco pela ciência. Quando descreve, narra ou se comunica, cada indivíduo busca, incessantemente, a captura da verdade. Mas, ainda não há alguém que tenha o poder de possuir a totalidade. Por ora, continuamos relegados à capacidade de apresentação (*Darstellung*)¹⁷ das ideias, mas não da apropriação delas. Assim, sem acesso direto ao ideal recorreremos ao *conceito* como mediador entre mundo fenomênico e mundo das ideias.

3.1 AS TAREFAS DO CONCEITO

Ao distinguir, sem separar, o mundo das ideias e dos fenômenos Benjamin configura uma relação simbiótica em que, as ideias sem a iluminação dos fenômenos não têm brilho, e “permanecem obscuras até que os fenômenos as reconheçam e circundem”¹⁸. Por sua vez, os fenômenos, sem as ideias, são vazios, sem estrutura e condenados à dispersão. Diferentemente de Platão, ele acredita que o mundo sensível não está submetido ao inteligível, mas que são interdependentes, cabendo ao conceito, a tarefa de mediar os dois.

Como foi dito anteriormente, os fenômenos não têm acesso direto ao Ser. Eles “não entram integralmente no reino das ideias em sua existência bruta, empírica, e parcialmente ilusória, mas apenas em seus elementos, que se salvam”¹⁹. A salvação dos fenômenos é uma das tarefas do conceito, que realiza um trabalho de depuração, no qual são destacados dos fenômenos seus

¹⁷ Embora *Darstellung* tenha sido traduzida por Rouanet (1984) como “representação”, utilizaremos em seu lugar, a palavra “apresentação”. Isso por que, segundo Gagnebin (2005) “a palavra *Darstellung* — utilizada por Benjamin para caracterizar a escrita filosófica — não pode, (aliás, nem deve), ser traduzida por “representação”, como o faz Rouanet [...] nem o verbo *darstellen* pode ser traduzido por “representar”. Mesmo que essa tradução possa ser legítima em outro contexto, ela induz, no texto em questão, a contra-sensos, porque poderia levar à conclusão de que Benjamin se inscreve na linha da filosofia da representação — quando é exatamente desta, da filosofia da representação, no sentido clássico de representação mental de objetos exteriores ao sujeito, que Benjamin toma distância”.

¹⁸ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.58.

¹⁹ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 55-56.

elementos constitutivos, suas características essenciais. “Eles [os fenômenos] são depurados de sua falsa unidade, para que possam participar, divididos, da unidade autêntica da verdade”²⁰. Assim, graças aos conceitos, o essencial se separa do sensível, podendo então visitar o plano das ideias. Segundo Benjamin,

[...] é função dos conceitos agrupar os fenômenos, e a divisão que neles se opera graças à inteligência, com sua capacidade de estabelecer distinções, é tanto mais significativa quanto tal divisão consegue de um golpe dois resultados: salvar os fenômenos e representar as ideias (BENJAMIN, 1984, p.57).

Em outras palavras, o conceito em sua função mediadora, desenvolve então dupla tarefa: relacionar os fenômenos com as ideias e possibilitar a apresentação delas. Nessa primeira, o conceito identifica e organiza os fenômenos, impedindo que eles se percam no mundo, e então os salvam, extraindo deles os elementos essenciais que podem ser levados para o plano das ideias. Na outra, o conceito deve buscar a apresentação do Ser através da contemplação do ideal. Assim “a redenção dos fenômenos por meio das ideias se efetua ao mesmo tempo em que a representação das ideias por meio da empiria”²¹.

Obscuras, as ideias não são capazes de se apresentar em si mesmas, pois seria contrário a sua natureza objetiva servir de figuração, de imagem de si. Por isso, elas recorrem aos conceitos para coordenar e configurar os elementos que farão com que elas brilhem. No entanto, é preciso enfatizar que mesmo o conceito não tem o poder de capturar a universalidade da ideia, como ela é de fato. Com sua inspiração no mundo fenomênico, os conceitos são abstrações mentais, enquanto as ideias são a interpretação universal dos fenômenos. Cabe aos conceitos apenas o papel de apresentá-las. Sendo que,

[...] cada tentativa de descrever as ideias deve ser vislumbrada como uma investida singular [...] Cada uma dessas investidas contribui à sua maneira para a compreensão da totalidade. Assumidas as limitações do conceito, a tarefa de representação das essências valoriza-se. Ela não mais é compreendida como uma abordagem ineficaz para a busca pela verdade, ao mesmo tempo em que também se torna uma opção razoável para a pergunta pelo inominável (MEDEIROS, 2010, p.34-35).

Não devemos, no entanto, interpretar a dupla tarefa do conceito como salvação dos dois mundos. Sim, os conceitos reconhecem, depuram e salvam a essência dos fenômenos nas ideias. Mas o contrário não acontece. As ideias não têm a mesma necessidade de buscar a salvação no mundo fenomênico uma vez que elas possuem uma existência anterior aos fenômenos. “A verdade não é uma

²⁰ Ibidem, p.56.

²¹ Ibidem, p.56.

intenção, que encontrasse sua determinação através da empiria, e sim a força que determina a essência dessa empiria”²². A verdade fornece o fundamento para o plano empírico. Ela é preexistente aos fenômenos.

3.2 A LINGUAGEM ADAMÍTICA E O ALCANCE DA VERDADE

Para Walter Benjamin as ideias formam uma realidade objetiva. E diferente “do *eidōs* de Platão, as ideias de Benjamin não se radicam em um etéreo reino Inteligível, mas, ao contrário, no horizonte concreto da facticidade humana”²³. Elas estão logo ali, prontas para serem contempladas. Para uma relação com o fenômeno. E a cada vez que isso acontece, existe a possibilidade para uma interpretação desse Ser. Como o homem que ao contemplar as estrelas constrói sua narrativa sob um ponto de vista particular, as ideias são explicadas pelos conceitos, que encontram na linguagem a capacidade de apresentá-las.

Acontece que a linguagem a qual o saber recorre quase sempre está associada a um sistema social, e não individual. As palavras utilizadas por ele já foram agregadas de muitas interpretações que brotam da intenção do homem. Seus significados são móveis e por isso escapam a exatidão da verdade. Neste sentido, “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (HALL, 2006, p.40). Por essa razão, as palavras não podem ser a essência.

Buscando uma organização que faça sentido, o saber estabelece certa relação de similaridade e diferença entre as palavras. Em um jogo de afirmação e negação, alcançamos apenas parte da totalidade: temos consciência do que é quente, por que sabemos que não é frio. Mas a ideia não pode ser um ou outro, a ideia é o todo. “A verdade não entra nunca em nenhuma relação”²⁴. A verdade é universal.

Utilizando-se agora de passagens bíblicas para ilustrar seu pensamento, Benjamin nos mostra que nem sempre a linguagem foi reduzida a tarefa medíocre de organizar as palavras. Despida da intencionalidade, originalmente a linguagem teve o poder de nomear as coisas. Como na história de

²² BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58.

²³ BRETAS, A. *Imagens do Pensamento em Walter Benjamin*. 2009. Disponível em: <http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_06/artefilosofia_06_01_dossie_walter_benjamin_07_alexia_bretas.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2015, p. 65.

²⁴ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58.

Adão e sua tarefa de nomear as coisas do paraíso perdido. Na origem – antes do pecado – Adão deu nome *a todo o animal do campo, e toda a ave dos céus*. Esse ato de nomear não envolveu a intenção, o arbítrio. Ao dizer o Nome da coisa, Adão simplesmente pronunciava sua essência, sua percepção original. A linguagem adamítica, “não precisava ainda lutar contra a dimensão significativa das palavras”²⁵. Por essa razão, os *Nomes* são considerados por Benjamin como elementos constitutivos das palavras, e os únicos capazes de dizer a verdade. Cabendo a Adão a capacidade de revelá-la. Mas, quando Adão caiu, também caíram todas as coisas na Terra. E para Benjamin, a queda do homem, foi também a queda da linguagem²⁶. Que afastada de Deus, fora do ambiente paradisíaco, passaria a ser usada por milhares de homens, que nomeariam as coisas em milhares de línguas diferentes, iniciando a *sobrenomeação*²⁷ delas. Então, longe da sua essência, os Nomes se perderam em meio as palavras.

Referindo-se ao universo paradisíaco de Adão ilustrado por Benjamin, Medeiros (2010) esclarece que “lá [no paraíso] o Nome teve a capacidade de dizer a verdade sobre a coisa nomeada. Hoje apenas conhecemos a dimensão da palavra, imagem deturpada da essência original da coisa a que ela se reporta”. Assim, enquanto o Nome remete a verdade, a palavra tem potencial apenas para relacionar-se com o conceito.

Como vimos anteriormente, é através do conceito, que cada fenômeno tem potencial de depurar-se e - ao chegar à essência - visitar o reino das ideias. Também vimos que, concomitantemente, o conceito tem o papel de iluminar as ideias, já que elas não podem se apresentar em si mesmas. Então, vale ressaltar a este ponto que, a partir de *Questões introdutórias de crítica do conhecimento*, o conceito é o único mediador entre o mundo ideal e o mundo fenomênico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comumente idealizados como indivíduos desinteressados e preocupados apenas com o progresso, os homens da ciência ajudam a compor uma imagem irenista em que - neutros - buscam exclusivamente pela verdade. No entanto é preciso perceber que mesmo através do sistemático rigor científico, os resultados limitam-se em conter o *saber*, pois apenas ele é passível de ser possuído. Mas o saber não é o todo. Ele é o particular. O saber tem a intenção como um peso maior que o Ser. E por

²⁵ Ibidem, p.56.

²⁶ Benjamin, ao falar de uma “linguagem adâmica” que é abandonada pela “queda” na linguagem instrumentalizada, não está se referindo a um processo cronológico que poderia ver na “linguagem adâmica” algo primeiro que, posteriormente, fosse substituído por outra concepção. O conceito de origem, em Benjamin, aliás, nunca se refere a uma localização cronológica [...] A linguagem adâmica, lugar de absoluta convergência entre os nomes e as coisas, faz parte da estrutura interna da própria linguagem na medida em que, num contexto de crescente instrumentalização da linguagem, recorda-lhe o ideal expressivo de dizer as coisas mesmas, chamá-las pelo nome” (PERIUS, 2011, p.1-2).

²⁷ *Overnaming* (Cf. BENJAMIN, 1996).

consequência, tentativas mal sucedidas de nomeação. Diante da arrogante ideologia “progressista” e sua filosofia “incoerente, imprecisa, sem rigor” não alcançamos a verdade, afastamo-nos dela. Acomodamo-nos “num sincretismo que tenta capturar a verdade numa rede estendida entre vários tipos de conhecimento, como se a verdade voasse de fora para dentro”²⁸ e não o contrário.

Ciente da complexa realidade e do importante papel da reflexão filosófica, Walter Benjamin propõe, no lugar de uma metodologia que busque capturar a verdade (do *sistema*), uma filosofia que se preocupe com a elaboração conceitual voltada para a contemplação das ideias (no *tratado*). No lugar daquela que se acomoda em fórmulas sistemáticas preparadas por um intelecto particular, esta “visa renovar as ideias percebendo novas conexões entre a empiria e o mundo das essências” (MEDEIROS, 2010, p.39). Para ele, a contemplação daria vida ao conceito: o mediador entre os dois mundos. O único capaz de (ao mesmo tempo) salvar os fenômenos e apresentar a verdade, as ideias.

Benjamin considera que o método imposto pela ciência “não está a serviço das ideias, já que ignora, nominalisticamente, sua existência; nem a serviço da empiria, pois não pretende salvar as coisas, e sim absorvê-las no falso universal da média” (ROUANET apud BENJAMIN, 1984, p.22). Contrariamente, a reflexão filosófica - através do conceito e sua dupla tarefa - procede pela imersão em cada fenômeno singular em busca de seus elementos essenciais. De tal forma que, livre de falsas totalizações e interpretações dos objetos isolados, o conceito poderia reaproximar-nos da verdade.

A ciência sistemática, em sua inútil tentativa de apoderar-se da verdade fugidia, deixa um legado: o saber. Apropriável por nossa consciência, o saber aceita ser continuamente repassado. Com sua ininterrupta coerência ele segue levando o homem pelo reino das palavras, sobrenomeando o que encontra. Arrogante, o saber pensa ter pronunciado a verdade em suas palavras, sem compreender direito que ela está inscrita no Nome.

REFERÊNCIAS

BARRENTO, J. **João Barrento e as novas leituras de Walter Benjamin**. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/12/31/joao-barrento-as-novas-leituras-de-walter-benjamin-423875.asp>> Acesso em: 12 mai. 2015. Entrevista concedida a Guilherme Freitas.

BENJAMIN, W. **On Language as Such and the Language of Man**. In: BULLOCK, M.; JENNINGS, M. W. *Walter Benjamin: selected writings*. v. 1, 1913-1926. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1996.

²⁸ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 50.

JENNINGS, M. W. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Trad. br. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

JENNINGS, M. W. **Rua de Mão Única**. Trad. br. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

BERLO, D. K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRETAS, A. **Imagens do Pensamento em Walter Benjamin**. 2009. Disponível em: <http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_06/artefilosofia_06_01_dossie_walter_benjamin_07_alexia_bretas.pdf> Acesso em: 23 mar. 2015.

COMTE, A. **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Trad. br. João Cruz Costa. São Paulo: Ed de Ouro, 1970.

GAGNEBIN, J. **Do conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou verdade e beleza**. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2005000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 07 jan. 2015.

HALL, S.. **A identidade cultural da pos-modernidade**. São Paulo: Ed DP&A, 2006.

KUNH, T. S. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MEDEIROS, M. G. **Verdade e Saber: Gnoseologia e Ética no Prefácio de Origem do Drama Barroco Alemão de Walter Benjamin**. Disponível em: <http://www.uece.br/cmaf/dmdocuments/2010_verdade_e_saber_gnoseologia_e_etica.pdf> Acesso em: 15 jan. 2015.

OTTE, G.; VOLPE, M. L. **Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin**. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6415/5984>> Acesso em: 20 abr. 2015.

PERIUS, O. **A filosofia da linguagem em Walter Benjamin**. 2011. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/edicao7/Oneide_Perius.pdf> Acesso em: 29 abr. 2015.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. Trad. br. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972.

ROUANET, S. P. Apresentação. In: BENJAMIN, W. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Trad. br. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Recebido em: 13/10/2015

Aceito em: 21/04/2016

Publicado em: 31/12/2016